



Afro-pomeranos: entre a Pomerânia lembrada e a África esquecida

Afro-pommerians: between the remembered Pomerania and the forgotten Africa

Patrícia Weiduschadt

Doutora em Educação - UNISINOS- Professora efetiva da Faculdade de Educação- Universidade Federal de Pelotas.
Contato: prweidus@gmail.com

Marcos Teixeira Souza

Doutorando em Sociologia – IUPERJ. Colaborador no Centro de Estudos Afro-asiáticos (CEAA).
Contato: prof1marcos@hotmail.com

Cássia Raquel Beiersdorf

Mestranda em Educação – UFPEL. Contato: cassinhacrb@hotmail.com

Resumo:

Para Durkheim, numa visão funcionalista da Sociedade, a Educação desempenha um papel preponderante na formação de valores culturais, ideológicos, científicos e sociais, fazendo assim que a vontade e os modelos de bom ou ruim, propostos por uma geração, passem para outra. Neste aspecto, a lei 10.639 questiona uma formação docente e discente, cuja visão de mundo e currículo sejam eurocêntricos e gobinistas, reafirmando a necessidade de repensar criticamente a Escola como uma instituição social imersa em uma sociedade plural, do ponto de vista étnico e cultural, em que os atores sociais não se encontram, muitas vezes, centrados em uma única identidade e cultura. Tal problemática se torna explícita ao se deparar com os afro-pomeranos ou pomeranos negros de Canguçu, Arroio do Padre e São Lourenço do Sul. Acentuam-se diferenciações históricas e culturais da constituição desses povos no Brasil, mas as relações entre estes grupos foram marcadas, em certa medida, na aproximação pelo trabalho, que não era escravo, mas assalariado, e pela religiosidade, como exemplo, o caso da comunidade negra luterana, entre pomeranos em Manoel do Rego em Canguçu. Os negros apropriaram-se da língua pomerana como forma de adaptação, mas não sem resistências, prova que os objetos e símbolos de sua cultura estão representados nesses espaços, ainda que, de forma escamoteada.

Palavras-chave: Afrodescendentes. Pomeranos. Diáspora. Religiosidade. Educação.

Abstract:

For Durkheim, in a functionalist view of Society, Education plays a major role in the formation of cultural, ideological, scientific and social values, which means that the will and the models of good or bad, proposed for one generation, pass to another. In this respect, the law 10,639 questions a teacher and student training, whose worldview and curriculum are Eurocentric and gobinists, and it reaffirms the need to critically rethink the school as a pluralistic society immersed in a social institution, in an ethnic and cultural point of view, in which social actors are not often focused on a single identity and culture. This problem becomes explicit when faced with African-Pomeranians or black Pomeranians in Canguçu, Arroio do padre and São Lourenço do Sul. We can notice that historical and cultural differences of the constitution of these peoples in Brazil are accentuated, but the relationships between these groups were labeled by the work approach, which was not a

slave, but wage, and by religiosity, as an example, the case of the Lutheran black community between Pomeranians in Manoel do Rego in Canguçu. Blacks appropriated of the Pomeranian language as a form of adaptation, but not without resistance, proof that the objects and symbols of their culture are represented in these spaces, yet so concealed.

Keywords: African Descent. Pomeranians. Diaspora. Religiosity. Education.

Introdução

O presente artigo visa a refletir o contexto de interação étnica entre afrodescendentes e pomeranos em uma região do sul do país, salientando a escola e a igreja como espaços sociais, onde a Pomerânia e África, como origem de diáspora, podem reescrever a identidade destes dois grupos em um cenário de luta e reconhecimento de seus direitos e presença na construção da nação brasileira, bem como na comunidade onde vivem. Ao mesmo tempo em que o conceito *identidade* se reveste de um caráter de foro íntimo, circunscrito ao indivíduo, por outro lado, este termo também se revela como social. É neste sentido – ou sentimento – que o conceito identidade toma uma proporção relevante: a de criar vínculos afetivos, simbólicos, cognitivos, sociais e culturais em um grupo social, tendo as instituições sociais, neste âmbito, um papel fundamental, sobretudo, a escola e a igreja, como se verá no presente artigo.

Na última década do XIX, quando Durkheim esboça sua sociologia, é visível nele a preocupação de dar a esta ciência¹, ainda noviça, o status de cientificidade. E, para tal, vale-se dos moldes das ciências naturais, cômico de que a sociedade pode ser analisada como um organismo, empreendendo assim categorias de análise como normal *versus* patológico, solidariedade orgânica, etc. Outro ponto que traduz bem a sociologia de Durkheim é o peso que ele confere à sociedade sobre os indivíduos, sendo estes como coagidos por uma consciência coletiva. Sendo estes pontos de partidas recorrentes em suas obras, Durkheim vê a educação² como uma engrenagem fundamental para que a sociedade imponha a vontade dela própria, que, segundo ele é autônoma ao indivíduo.

Um dos triunfos dos comunitarismos e nacionalismos foi justamente o de provocar no indivíduo tal capacidade de se sentir parte identificada por um grupo social, de uma sociedade, e se mover para ela. Os nacionalismos irromperam na Europa como estratégia política no afã de conquistar e manter territórios. Símbolos, hinos, cores, expressões-perífrases, tradições, entre outros, foram criados³ para agrupar os indivíduos sob uma mesma categoria definidora, mais ampla, de uma identidade, centrada na ideia de nação. A territorialidade passa ser confundida ou ser sinônima de um povo e/ou de uma língua. As chamadas minorias étnicas são absorvidas por uma categoria hegemônica, a fim de se fortalecer politicamente perante outras nações.

¹ BÚRIGO, Fábio Luiz & SILVA, José Carlos da. A metodologia e a epistemologia de Durkheim e Max Weber. *Revista em Tese*, v. 01, n. 01, ago./set. 2003. p. 128.

² DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

³ HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

No Brasil, a chama do nacionalismo esteve presente na inconfidência mineira, nas campanhas abolicionistas, na literatura devotada à brasilidade, nas ideias republicanas. Um dos traços do nacionalismo, marcante no sul do país, foi a conhecida Campanha de Nacionalização, no Governo Vargas, que, além de outras medidas políticas, tentou propiciar uma integração nacional, tendo como alvo, naquele contexto, nacionalizar os imigrantes e descendentes, bem como alçar a figura do mulato, como um símbolo híbrido de um Brasil, formado pelas contribuições de várias etnias, em especial, a europeia e a africana.

Escrita em 1933, a obra de Gilberto Freire, *Casa Grande & Senzala*⁴ é tida por muitos historiadores e pensadores da cultura brasileira como uma obra de ruptura. Como uma obra que traz o mulato como elemento caracterizador do sucesso da formação identitária brasileira. Décadas posteriores, a partir dos anos 50 e 60, outras obras iriam problematizar tal êxito, apresentando por meio dados substantivos e estatísticos, de que o preconceito racial era presente na sociedade brasileira, ao lado de uma desigualdade socioeconômica, cuja distância social entre negros, brancos e indígenas era clarividente, explicitando os desníveis nos quesitos de escolaridade, renda, acesso à saúde, entre outros indicadores sociais.

Diante destes indicadores, movimentos sociais em defesa dos indígenas e/ou negros, os quais, cada qual com suas respectivas especificidades, ganham visibilidade na luta por direitos então sonogados por um Brasil, que foi construído com o derramamento de sangue indígena e com exploração do trabalho de uma massa escrava. As políticas de ações afirmativas, como as cotas em vestibulares e concursos públicos, seriam consideradas uma tentativa de romper o *status quo*. As leis 10.639/2003 e 11.645/2008 acenariam – acreditam muitos educadores afrodescendentes e indígenas – como um caminho para viabilizar uma futura igualdade entre branco, negros e indígenas. A escola passa, então, a ser um espaço social, de certa forma, demandado por lei federal, para tentar resolver os dilemas e contradições de um Brasil plural, racialmente falando, a partir de um resgate das histórias recontadas não pela voz dos ditos *vencedores*, mas dos *vencidos*, em detrimento de uma história dita oficial.

Partindo de uma concepção durkheimiana⁵ sobre o papel da escola, parece ser vital para os afrodescendentes e pomeranos, além de outros grupos marginalizados pela história oficial, evocar, na escola, suas respectivas diásporas como temática no currículo e presente na construção identitária nestes grupos no Brasil, uma vez que diáspora resvala em perguntas fundantes: quem eu sou? De onde eu vim?

O esquecimento da diáspora africana e a lembrança diáspora pomerana

Um dos problemas em torno da questão do negro e do indígena no Brasil perpassa por um ensino de cunho eurocêntrico, formando gerações e mais gerações de brasileiros, com materiais didáticos que, em sua maioria, subalternizam o negro e o indígena, sob o espectro da passividade ou da alienação social. Obviamente, não se pode creditar à instituição social denominada escola como a única responsável, até porque nas artes e mídias (cinema, literatura, etc.) perpetuaram-se uma

⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

⁵ DURKHEIM, 1952.

imagem negativa, entre outros grupos, sobre o negro e o indígena, além da ação vinculativa de outras instituições sociais.

No caso dos pomeranos na escola, houve uma longa invisibilidade de sua cultura, de sua história, de sua língua de sua participação na construção da nação brasileira, ao lado da de outros brasileiros e imigrantes. Tal fato deixa em aberto a necessidade de se repensar a educação que se pretende para a nação. Projetos pedagógicos como o Educamemória⁶, o Programa de Educação Escolar Pomerana, entre outros, apresentam-se como importantes para ressaltar a identidade pomerana no currículo escolar.

Quando se pensa na questão dos afrodescendentes, as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 permitiram revisar um problema central do ensino eurocêntrico: introduzir e/ou reconsiderar a diáspora africana no currículo escolar. Entender a relevância da diáspora africana, seja para alunos negros ou não, colabora para explicitar o valor da cultura africana não só como parte do passado, mas principalmente do presente, como objeto do cotidiano, uma vez que conhecer a diáspora desta matriz contribuir para entender algumas dinâmicas sócias que se dão na sociedade.

Conceitualmente, uma diáspora pressupõe deslocamento forçado, de um grupo étnico ou social, resultando na formação de um espaço de disputas, opressão e sofrimento. Na História da Humanidade, nenhuma outra diáspora tenha sido mais impactante, do ponto de vista sociológico, do que a que ocorreu com os africanos nas Américas. Reduzidos à condição de mercadoria pelos colonizadores europeus, o tráfico de escravos de milhões de africanos, durante quase três séculos do continente africano para o americano, legou ao Brasil um panorama de conflitos interétnicos, com ressonâncias até hoje.

O longo sistema escravocrata, em que os africanos foram submetidos a uma rotina de trabalhos forçados, engendrou na mentalidade brasileira o enraizamento de uma clara distinção social entre negros e brancos, em que o negro estaria associado ao papel de escravo, subalterno; e o branco, de senhor e dono de escravo. Tal assimetria se mostraria bem presente nas relações sociais, mesmo pós-Abolição de 1888, como uma memória social, onde os quadros da memória seriam a remissão à senzala, à casa grande, ao latifúndio, entre outros espaços de menor expressão. E também, no século XIX, seriam corroboradas pelas supostas teses científicas sobre a supremacia intelectual do branco sobre o negro, que, no Brasil, atendiam aos interesses de uma elite conservadora e sustentada pelo trabalho dos escravos. Não sem motivação, ter acolhido bem as teses de Artur de Gobineau.

A diáspora africana no Brasil, assim como se deu em outras nações, não deve então ser vista estritamente pelo deslocamento físico e abrupto de africanos em si mesmo, mas como um deslocamento também de identidade. Neste ponto, reside a problemática da diáspora africana e que, bem explorada no ensino, pode ser promissora. O que muitas historiografias brasileiras escritas no século XIX e XX denominam como tribos africanas, na verdade, tratavam-se, na maioria dos casos, de sociedades hierarquizadas e organizadas, compostas por instituições, tecnologias, forma de

⁶ Disponível em: <<http://www.educamemoria.furg.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

governo, etc. Sociedades em que existia a figura de um rei, de líderes religiosos, entre outros, mas que no Brasil foram uniformizados na categoria de escravos, facilitado pela separação de etnias, culturas, línguas, com o intuito deliberado, por parte do colonizador, de evitar a reorganização destes no Brasil; ainda que a oralidade tivera exercido a função de caminho para a guarda de alguns valores identitários. Entre os escravos, o Brasil seria a terra do exílio, do sofrimento. A Mãe África, um consolo.

Uma obra literária que retrata bem este cenário é *Rei Negro*⁷, de Coelho Neto, publicada em 1914. Nela, o literato traz à cena a história de um negro e jovem, chamado Macambira, escravo em uma fazenda no interior do Rio de Janeiro. Comprometido com o trabalho na fazenda, exercendo certa liderança intelectual e moral sobre os escravos, devido a gozar a confiança de seu senhor, o autor mostra como a condição de ser escravo impõe o protagonista ao sofrimento, apesar de ter certo apreço de seu senhor.

Esta narrativa de Coelho Neto não esconde as mazelas sociais enfrentadas pelos escravos e escravas. Os castigos impostos ao descumprimento de ordens ou tarefas, o abuso sexual por parte do senhor evidencia drama do africano escravizado. Bem articulado no texto a esta sina, encontra-se a personagem Balbina, escrava idosa, representativa de uma memória e uma oralidade da história do povo africano, que, na qualidade de confidente e amiga de Macambira, está a todo o momento lembrando o jovem negro que ele descende de um rei africano e de deuses africanos.

É nesta remissão a um passado do povo africano, ou seja, a um passado de glória, de acolhimento, de força, que repousaria o elo benquisto entre o africano a sua África. No entanto, o processo de construção de uma identidade brasileira não só suplantou o sentimento de o negro ser um filho da África, como também deturpou a cultura africana, firmando sobre estes tudo o que é ou que vem da África como negativo, primitivo e feio. Isto ficou e (ainda se encontra) tão solidificado entre os afrodescendentes que tais tentam distanciar-se, consciente ou inconscientemente, de uma origem africana.

A diáspora africana trazida ao seio da sociedade brasileira por meio da obrigatoriedade do ensino das contribuições da cultura africana permite ensejar, sem bem efetuada, uma mudança de paradigma após décadas de exclusão ou distorção da cultura afro no ambiente escolar, sobretudo, nos livros didáticos, cujo negro majoritariamente ainda é visto, na História do Brasil, como escravo.⁸

Neste ponto, é oportuno lembrar também a diáspora pomerana. Expressão controversa, mas relevante, esta diáspora se aproxima, em alguns ângulos, da diáspora africana, e mostra que o preconceito étnico, no Brasil, não esteve restrito aos negros e aos indígenas, mas também aos brancos, em alguns contextos. O deslocamento de pomeranos para o Brasil no século XIX parece reunir os pré-requisitos de uma diáspora. Primeiramente, porque foi um deslocamento forçado, motivado pela escassez de recursos na Pomerânia, dentro do contexto de industrialização da

⁷ NETO, Coelho. *Rei Negro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

⁸ MUNANGA, Kabengele (Org) *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

Europa, submetendo fortemente os agricultores pomeranos. Em segundo lugar, porque se deu em levadas, o que reforça a tese de diáspora.

Sobre os pomeranos do Espírito Santo, André Droogers os referencia como *alemães da diáspora*⁹, reforçando-os como uma identidade ligada a um processo de exclusão no contexto europeu. Bonn também é outro autor que entende a existência de uma correlação entre pomeranos e uma diáspora. Relata Correa que o contato entre afrodescendentes e pomeranos no sul do país, entre outros grupos étnicos, ocorria a tal ponto um afrodescendente, por exemplo, saber um dialeto do imigrante:

No sul do Brasil, há uma série de trajetórias negras que acusam um hibridismo cultural. No relato de Cristovão Lenz (1997, p. 17), há menção sobre um “mulato alemão”, que falava o dialeto hamburguês. [...]. Ao passar pela colônia de São Leopoldo em 1870, o viajante alemão Oscar Canstatt (2002, p. 407) comentou sobre o predomínio da língua alemã e testemunhou negros que lá falavam conforme o dialeto dos seus senhores e em consequência encontravam-se pomeranos, suábios, como bávaros e saxões, pretos.¹⁰

Apesar de negros e pomeranos terem em comum uma diáspora, sendo obviamente a negra de extensão bem mais intensa do que a pomerana, dado o longo período de tráfico de escravos, é interessante observar todo um ideário nascente, nas duas ou três últimas décadas, de revalorização da cultura pomerana, tida pelos imigrantes alemães como cultura menor, uma vez que a Pomerânia não existe mais como Estado. Concebido entre os próprios pomeranos, este processo de buscar suas origens, sua história, sua diáspora, alicerça-se em repatriar simbolicamente sua Pomerânia, como um lugar de memória. Tal intenção ensina que o lembrar e o esquecer estão presentes nos indivíduos e que, como alude Pollak¹¹, dão-se ou são construídas mediante a imposição de um contexto social. E, neste caso, os pomeranos parecem estar decididos, depois de um longo silêncio, lutar pela manutenção de sua cultura, vide as cartas de intenções dos encontros nacionais dos pomeranos.

Quando os pomeranos chegaram ao Brasil, na década de 1960 do século XIX, não se tinha, por parte dos brasileiros, a noção exata sobre os pomeranos, e, entre os próprios pomeranos, não era clara a idéia da Pomerânia como povo. Na verdade, os pomeranos vieram juntamente com a colonização alemã, foram considerados oficialmente alemães, ou seja, germânicos, mas possuíam diferenças culturais e linguísticas disformes em relação ao povo alemão.

Para entender essas diferenciações precisa-se discutir as questões históricas que envolveram a constituição da nação da Alemanha. A unificação alemã aconteceu tardiamente em relação à formação de outros países europeus, e, portanto, a constituição do território fez-se com

⁹ DROOGERS, André. *Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia (1880 – 2005)*. Revista *Religião & Sociedade*. Vol. 28 nº 01 Julho/2008.

¹⁰ CORREA, 2008, p. 275.

¹¹ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

grandes dificuldades. A consolidação efetiva deu-se apenas em meados do século XIX, com o comando de Bismark.

O século XIX era para a Alemanha mais do que para qualquer outro país um período de mudança. Em seu despertar - no Congresso de Viena - não existia até mesmo um Estado alemão: em vez disso, havia uma conglomeração de estados médios e pequenos, monarquia, ducados, estados eclesiásticos e cidades livres, - a maioria dos quais empobrecidos e rurais com poucas cidades grandes - , ligados por poucos rios importantes e algumas estradas em más condições. No fim do século, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha era o principal país industrial do continente, unificado, forte, largamente urbanizado e expandindo seu comércio para os quatro cantos do mundo.¹²

O motivo deste povo em vir ao Brasil, poderia ser pelas dificuldades enfrentadas na Alemanha, devido aos altos impostos cobrados pelo Estado e à escassez de terras, ou ainda, o excesso de população, pois, em 1875, a Alemanha configurava-se como o segundo país mais populoso do mundo ocidental, contando com 41 milhões de habitantes¹³.

Havia uma diferenciação étnica nos seus territórios, que era possível diferenciar os grupos e possibilitar construções identitárias de acordo com as características que cada grupo tinha de si. Os pomeranos, na Alemanha, mantinham uma característica própria de organização social, devido a constituição histórica em que estavam inseridos. Nos estudos de Salamoni, a autora analisa a formação geográfica e histórica desta etnia:

No caso específico da Pomerânia, terra de origem dos imigrantes, esta se localizava na região oriental da Alemanha, sob o domínio do Império Prussiano. Nessa região, a transição do sistema feudal para o capitalismo teve início em 1807, quando o Estado Prussiano decretou a abolição definitiva da servidão camponesa. Contudo, a maior parte dos camponeses perdeu parte ou todas as terras que cultivava, sendo obrigada a se submeter ao trabalho nas propriedades senhoriais ou então, buscar ocupação nas indústrias urbanas, engrossando a massa de deserdados que passavam a viver nas cidades. Além dessas possibilidades restava, ainda, a alternativa de migrar para América, na busca de melhores condições de vida.

Diante deste quadro é possível entender que os camponeses, no caso de origem pomerana, habitaram-se a ser conduzidos pela mão por um 'senhor' que lhe ordenava e proibia, e, por fim, se ocupava dos problemas fundamentais de sua existência.¹⁴

Dentro deste contexto a maioria dos pomeranos era agricultores e considerada escravos. Enfrentavam bastantes dificuldades no país de origem, devido ao escasso trabalho e pouco acesso às terras, sobretudo, devido ao preconceito de serem considerados inferiores. Por isso, necessitavam de trabalho e foram praticamente compelidos a outros lugares para se estabelecer, com possibilidades de se firmar como grupo étnico sem serem explorados no sistema servil. Essa realidade pode ter provocado nos pomeranos excessiva desconfiança e serem considerados arredios, pois, devido às dificuldades encontradas, apresentaram uma resistência passiva diante de situações de exploração.

Diante desse contexto, muitos pomeranos foram para o Brasil e procuraram estabelecer uma organização comunitária coesa e forte. A imigração para o governo brasileiro era importante

¹² KENT, 1982, p. 143.

¹³ Segundo dados do Jornal do Comércio de 02/03/1875, número 48, página 1.

¹⁴ SALAMONI, 2000, p. 37.

desde meados do século XIX, não só de alemães - mas também ingleses, italianos e outros. Obedecia a vários objetivos e poder-se-ia discorrer discussões e debates acerca desta questão. No século XIX o Rio Grande do Sul começava a estruturar a formação agrícola, mesmo estando baseado ainda em uma economia eminentemente pecuarista, que forçava o processo imigratório.

Entretanto, as pressões dos latifundiários e dos proprietários de terras acentuavam os problemas das questões agrárias no Rio Grande do Sul. Devido a problemas da legislação vigente do século XIX e aos conflitos políticos entre as forças que dominavam no Estado, havia muita dificuldade em relação a posse das terras. “A primeira fase de ocupação do Rio Grande do Sul resulta então de uma organização sócio-econômica baseada nas estâncias pecuaristas, nas fortalezas, nas datas de base agrícola distribuídas aos açorianos e em freguesias e pequenas vilas”.¹⁵

Percebe-se dessa forma, que no século XIX, o Brasil possuía uma economia agrária estática, em que a agricultura estava ainda em estágios iniciais de desenvolvimento, e não havia uma sistematização agrícola em larga escala, sendo comum a prática da pecuária latifundiária no solo brasileiro, bem como no Estado do Rio Grande do Sul.

Uma atenção especial em relação à imigração foi levantada pela pressão causada pela busca do fim da escravidão, em especial, no Rio Grande do Sul. A partir das novas idéias de civilidade e humanismo começou a ser demonstrado uma preocupação para a questão do “branqueamento” da raça, havendo preferência por um determinado tipo de “imigrante”:

Desta forma o escravo representava uma força negativa ao espírito de expansão do sistema capitalista, pois, na medida em que seu círculo de necessidades era muito reduzido, não via em trabalhar mais para aumentar seus ganhos. Isto se explica pela própria natureza do sistema capitalista, que se assenta sobre o trabalho assalariado, pois somente este permite ao empresário apropriar-se de parte do produto do trabalhador.[...].¹⁶

Com o ideário liberal e republicano consolidando-se na vida brasileira não era possível aceitar as normas escravagistas, pois não atendiam às necessidades de mercado ao exigir trabalho assalariado e uma expansão da economia agrícola do estado. Ainda, os interesses políticos e econômicos do governo provincial e das associações privadas vão contornando e demarcando os processos imigratórios, em disputas legais e sociais. O interesse em ampliar a economia agrícola riograndense era grande, ora por parte do governo, ora por parte dos interesses privados em lucrar com as vendas das terras. Os imigrantes sentiam-se desprotegidos e quase sem apoio do governo provincial e estavam constantemente cercados pelo perigo da exploração particular. Na região sul as origens da colonização estrangeira tiveram causas semelhantes ao restante do Estado. Salamoni aponta esta questão que analisa no estudo sobre os valores culturais dos pomeranos:

O início da colonização da região sul do rio Camaquã- Serra dos Tapes, interior dos atuais municípios de Pelotas e São Lourenço do Sul, no ano de 1856, deveu-se à necessidade de

¹⁵ KLIEMANN, 1986, p. 18.

¹⁶ LANDO E BARROS, 1992, p. 17.

ocupação dessa área com imigrantes que desenvolvessem atividades agrícolas. Ressentia-se essa região da falta de agricultores, por razões historicamente explicáveis.¹⁷

Assim aconteceu a imigração na região meridional do Estado do Rio Grande do Sul. Logo nos primórdios da colonização foi fundada a colônia de São Lourenço do Sul, por Jacob Rheingantz em 1858.¹⁸ Em relação ao início desta colônia Salamoni aponta:

Os núcleos de colonização, a partir de então, foram estabelecidos, alguns pelo governo imperial ou provincial e outros por iniciativa privada.

As imigrações realizadas por empresas particulares em várias regiões do Brasil, não obtiveram o sucesso esperado, com exceção da Colônia de São Lourenço, organizada e promovida por Jacob Rheingantz em 1858, na Serra dos Tapes, Município de Pelotas, no Rio Grande do Sul.¹⁹

Os primeiros imigrantes alemães ao sul do estado do Rio Grande do Sul vieram em grupos, na região de São Lourenço do Sul, na época fazendo parte do município de Pelotas. Outro estudo relata o início da Colônia de Rheingantz a partir de um estatístico inglês, Michael G. Mulhall, que esteve em excursão em 1871 nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Assim, ele descreve:

São Lourenço foi iniciada pelo sr. Jacó Rheingantz perto de Pelotas em 1858. O governo paga um prêmio de 2 libras por cada imigrante que o sr. Rheingantz trazer, enquanto este paga a passagem da Alemanha, fornece suprimentos para o primeiro ano e vende os lotes de terra para os colonos, a serem pagos em prestação. A colônia tem tido muito sucesso: compreende 1.637 pessoas, em 340 famílias, que cultivam 372 fazendas e plantam grandes quantidades de cereais e legumes para os mercados de Pelotas e Rio Grande. Há 3 colonos protestantes para 1 católico e há duas escolas.²⁰

Neste relato, salienta-se a formação da colônia com interesses da iniciativa privada e pública em financiar a viagem e o estabelecimento dos imigrantes para trabalharem como colonos. Apesar de o relato revelar dados descritivos que não levam em consideração a visão dos colonos, pode-se entender alguns aspectos da realidade que eles viviam: o número de pessoas, o trabalho na agricultura e as preferências religiosas.

Pomeranos e afrodescendentes: a religiosidade e o conflito em diáspora

Os pomeranos que aqui se estabeleceram logo se adaptaram à agricultura, apesar de a opção pela agricultura ser quase inevitável, sendo na maioria das vezes a única alternativa oferecida. Mas, a marca dos pomeranos estava associada a terra, eram naturalmente colonos que já haviam se dedicado a atividades agrícolas, indo ao encontro dos interesses do governo brasileiro em promover a imigração voltada para a ocupação do estado. Assim, a imigração muitas vezes teve que se estruturar por iniciativa própria, bem como se organizar em termos de educação, religião e saúde. “A instalação das escolas aconteceu simultaneamente com a edificação das Igrejas, uma vez

¹⁷ SALAMONI 1996, p. 14.

¹⁸ Segundo dados do Álbum Oficial do Sesquicentenário da Imigração Alemã, da Sociedade Editora de Publicações Especializada EDEL, LTDA, 1973.

¹⁹ SALAMONI 1996, p. 17.

²⁰ MULHALL, 1974, p. 117.

que não se poderia imaginar uma comunidade sem um Templo”.²¹ A ligação da religião com a educação é evidente. Foi preciso iniciativa própria para estas instituições se estruturarem sozinhas no contexto de colonização.

Nesse sentido, os colonos exigiram das autoridades a construção das escolas e a manutenção de professores no que raramente foram atendidos, fazendo com que ou construíssem eles próprios uma Igreja que servisse de escola, ou coubesse ao pastor, com a ajuda da comunidade, a construção de uma escola ao lado do templo.²²

Isso demonstra a preocupação destes imigrantes em fortalecer uma unidade étnica a partir da educação e da religião, mesmo que os hábitos e costumes tivessem que se adaptar, tanto no sentido cultural quanto no físico, inclusive, em termos de relevo e clima. Diante desta situação, muitas vezes, ocorreram alguns tensionamentos e conflitos no processo de imigração. E, sobretudo, os tensionamentos contribuíram para a construção identitária deste povo.

A religiosidade esteve firmada em fundar igrejas, num primeiro momento eram associações livres, em que se elegia um representante para ser pastor da igreja e professor da escola. Ele não teria que ter preparação adequada, apenas deveria cumprir os principais ritos da religiosidade e ensinar às crianças as noções gerais da leitura, escrita e cálculos. O independentismo²³ religioso foi forte na imigração, em especial, entre os pomeranos, que havia sentido em sua terra natal a opressão de uma igreja oficial. Por isso, preferiram ser independentes religiosamente, pelo menos nos primórdios da imigração.

Mas no início do século XX a igreja do Sínodo de Missouri²⁴ realizou um trabalho na região e convenceu algumas comunidades ditas independentes a fazer parte da religião sinodal. O discurso de convencimento recaía na qualificação e formação dos professores e pastores e se intitulavam como a “verdadeira igreja luterana” por acreditar e confessar a verdadeira doutrina luterana.²⁵ O Sínodo de Missouri, apesar de estar ligada à língua germânica, pois fora fundado nos Estados Unidos por imigrantes alemães, possuía espírito missionário, por isso, tinha a intenção de expandir a sua missão entre os lusos e negros.

Diante da relação das comunidades negras e pomeranas na região, em 1925 é fundada pelo Sínodo de Missouri a comunidade negra do Manoel do Rego no intuito de disseminar a religiosidade luterana a outras etnias. No trabalho de Gonçalves, em que se analisa a contrastividade entre os negros e pomeranos, e a convivência dos dois grupos mediada pela religiosidade. De certo modo, a convivência entre os negros e pomeranos já tinha sido mediada pelas relações de trabalho. Muitos negros aprenderam a falar o pomerano, pois trabalhavam com os colonos na qualidade de peão, num período da safra. Essa proximidade permitiu a conversão muito deles ao luteranismo.

²¹ SALAMONI, 1996, p. 38.

²² FACHEL, 2002, p. 153.

²³ Para aprofundar ver em Teichmann (1996).

²⁴ O Sínodo de Missouri, instituição religiosa fundada nos Estados Unidos por imigrantes alemães. Atualmente é chamada de Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Esta instituição estabeleceu-se nas regiões de Pelotas e São Lourenço do Sul em 1900 e fez parte de estudos de mestrado na relação com as escolas pomeranas. Para saber mais ver em Rieth (1990); Steyer (1999); Warth (1979).

²⁵ Nesse sentido, a necessidade de se diferenciar e constituir um campo próprio é apoiado nos estudos de Bourdieu (1996).

De acordo com os documentos da igreja²⁶ a comunidade de Solidez (interior de Canguçu, RS) dos pomeranos, fora fundada em 1918, sendo que a de Manoel do Rego (localizada a 4 quilômetros da de Solidez) fora fundada em 1927, ou seja, nove anos depois. Negros e pomeranos conviviam no comércio local e um dos negros mais velhos observava o culto, dado na língua alemã. Supõe-se que os negros tinham certo domínio da língua alemã e pomerana.²⁷

Mas alguns conflitos e animosidades surgiram entre os dois grupos e ficou resolvido que uma nova capela para os negros seria erguida, ou seja, essa comunidade teve seu espaço separado ao dos pomeranos, na verdade, segregados. Os tensionamentos e desavenças faziam parte da constituição da identidade das comunidades, demarcadas pelos espaços, ou pelos campos.²⁸ Nas relações de trabalho, que não eram igualitárias, ou na presença de negros na “venda” era permitida a convivência. Mas, certamente nas situações em que os negros não se integrassem, teriam que se adequar a língua para conseguir trabalho.

Os tensionamentos também aconteciam no espaço religioso que era também o espaço do lazer. Como conduzir os jovens nas festividades à convivência entre negros e pomeranos? Talvez o impasse surgisse daí, na não aceitação dos pomeranos em misturar a esfera pessoal e comunitária com os negros. A capela de Manoel do Rego ficou localizada a poucos quilômetros e possibilitou certa inserção dos negros ao luteranismo, legitimado especialmente pela fundação do coral em 1934, em que era destacado o talento desse grupo no canto. Mas, de qualquer modo a convivência era difícil especialmente, para os negros.

No caso da Congregação Manuel do Rego, não é difícil de imaginar as dificuldades enfrentadas para a inserção social na localidade. Um lugar conhecido principalmente pela imigração germânica²⁹, com uma cultura do trabalho predominante. Esses negros “pobres”, sem trabalho e com um pequeno pedaço de terra, tiveram de sobreviver em condições desiguais aos demais moradores da localidade. As diferenças sociais e econômicas aumentavam a vulnerabilidade dos negros pobres e sua já dependência de pessoas com melhor situação econômica em um país onde quase tudo dependia, e depende, de redes de relações pessoais e da proteção dos mais poderosos.³⁰

De qualquer modo, a igreja do Sínodo de Missouri, atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil, não focava somente suas práticas na realização dos cultos, na inserção dos ritos do batismo, confirmação, casamento e sepultamentos. Ela possibilitava espaços de trocas entre as suas comunidades, especialmente entre o grupo juvenil. Nas práticas do culto, dos ritos, dos ensaios do canto era possível separar as comunidades, isso se dava de forma tranquila, mas ao reunir as

²⁶ Lar Cristão – anuário editado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Casa editora Concórdia S.A. ano XXVII, 1966, p. 72.

²⁷ De acordo com os documentos das convenções regionais que aconteciam nas paróquias de Canguçu e Pelotas. Essas convenções eram reuniões de comunidade para tratar de assuntos teológicos, administrativos e pedagógicos. Cada representante das comunidades se fazia presente e consta a presença de negros representando a comunidade Manoel do Rego. As palestras e debates até a década de 1940 eram na língua alemã e pomerana (Atas das reuniões das convenções paroquiais, 1925, 1928, 1930).

²⁸ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas lingüísticas*: o que falar e o que dizer. São Paulo: USP, 1996.

²⁹ A autora em questão, no período da dissertação, considera o povo pomerano como germânico. Mas, recentemente é defendido por muitos estudos a Pomerânia ser um povo originário do baixo saxão. (TRESMANN, 2005) e que apesar de sua cultura ser silenciada possui uma cultura própria (THUM, 2009).

³⁰ GONÇALVES, 2008, p. 100-101.

diferentes paróquias era necessário aceitar a representatividade dos negros pela comunidade do Manoel do Rego. Para tanto, sendo negociadas essas relações, os negros não ficaram totalmente numa posição segregada, era possível haver resistências. Como a comunidade de Manoel do Rego era composta somente de negros, o representante das reuniões e convenções paroquiais seria um negro. Ele, certamente, teria que entender a linguagem pomerana, mas podia contribuir nas decisões da igreja.

As formas de resistência são visíveis, um pastor atuante, saído da comunidade de Manoel do Rego, foi o pastor João José Alves³¹. Ele foi pastor na cidade de Pelotas e tinha fluência na língua alemã e pomerana. Não se quer dizer que não se enfrentou resistências, muitas vezes, era discriminado, mas foi possível demarcar certo espaço na instituição. Através da formação profissional pela instituição o pastor João Alves expandiu na cidade de Pelotas a comunidade, trazendo para o espaço da igreja negros, imigrantes do interior de Canguçu e também pomeranos.

Outra forma de resistência encontrada pela comunidade pode ser descrita no trabalho de Raquel Silveira na abordagem autobiográfica de sua dissertação, ela analisa a maternagem negra, a sua origem e a criação pela família pomerna. Suas mães unidas pelo vínculo religioso pertenciam a Igreja Luterana. Isso motivou a pesquisadora na narrativa de autobiografia voltar a comunidade de Manoel do Rego, comunidade de seus avós e perceber no altar da igreja luterana símbolos e elementos que remetiam a religião africana, percebendo assim as diferentes matizes do contraste entre aceitação e resistência. Pode-se inferir que nem mesmo, os negros, conscientemente levaram esses elementos ao espaço religioso, mas que as suas marcas de ancestralidade e da cultura ainda ali vivem. Ela reforça as marcas que o espaço religioso lhe possibilitou:

As narrativas enunciaram a Igreja como lugar de encontro das mulheres, a religião como espaço de aproximação e pertencimento.

Ao longo da minha vida, a Igreja luterana foi muito significativa, esse espaço está marcado de fatos importantes que não desejo negar: batizado, confirmação, leituras bíblicas, orações...

Grande parte de minha vida na infância e adolescência passei dentro da Igreja e é esse o espaço da religiosidade das minhas famílias: a de origem alemã e a de origem africana. É neste contexto que tudo começa: um encontro onde as famílias criam vínculo, que perduram há mais de 40 anos. Minhas mães fizeram eu perceber o quanto a Igreja pode ser um lugar de encontro por ser um universo de pessoas, onde pessoas e, no meu caso, de origens étnicas diferentes se encontram, num desejo de sobrevivência em que potencializam forças. Mães-mulheres de classe popular. Que se encontram no mesmo espaço, a Igreja, sem ter a idéia de que são iguais, sendo e sentido a diferença.³²

É possível afirmar que o espaço religioso possibilitou trocas entre as etnias: pomerana e africana, as aproximações ocorreram nas relações das pessoas, na busca da afirmação pela cultura da música e dos símbolos. De fato, os conflitos ocorreram, mas proporcionaram aprendizados de convivência e de afirmação. Apesar de os pomeranos terem sofrido discriminação por parte dos grupos considerados os verdadeiros alemães ou pelos lusos, eles não tiveram o mesmo grau de

³¹ Segundo WARTH (1979) nas Crônicas da Igreja João Alves nasceu em 1909 em Canguçu, é colocado como o primeiro pastor negro da IELB. Atuou como pastor em 1932-1943 em Manoel do Rego e de 1943-1961 na cidade de Pelotas, até o seu falecimento.

³² SILVEIRA, 2006, p. 72.

discriminação dos negros, são processos históricos e sociais diferenciados. Não se trata de medir numa escala as segregações, mas compreender como se deram essas relações que ainda acontece nesse contexto, pela via da escolaridade e da religiosidade.

Considerações finais

Um dos medos de muitos professores e intelectuais, quanto à aplicação da lei 10.639/2003 e 11.645/2008, refere-se à possibilidade de as leis suscitarem celeumas entre brancos e negros, preferindo assim não tocar nesta temática, vista como tabu ou polêmica. E, de certo, o é porque a escola e outras instituições sociais produziram inverdades sobre os negros e os pomeranos, entre outros grupos. É oportuno dizer que geralmente é a ignorância que move o preconceito, e estas leis se fazem necessárias justamente para explicitar algo que precisa ser exposto ante aos olhos da sociedade. Assim, pensar que tais leis criam o preconceito é equivocado, porque apenas reconhecem o preconceito latente na sociedade e sobre ele problematiza. De modo análogo, a introdução na escola de projetos para a valorização da cultura e língua pomerana, como o Educamemória e Programa de Educação Escolar Pomerana – PROEPO contribuem para dar aos pomeranos em fase escolar uma consciência que a escola e a sociedade de seus pais não havia.

Tanto na escola, quanto na igreja, estereotipações, ancoradas em olhares providos de etnocentrismos, trouxeram escolhas problemáticas e conflitivas, as quais suscitam que estas mesmas instituições se esforcem para rever e reverter o panorama arraigado na consciência coletiva dos envolvidos. Percebe-se que ainda que existe um longo e difícil caminho para que pomeranos e afrodescendentes possam entender suas respectivas diásporas, como intrínsecas às suas respectivas identidades, que, na verdade, no conhecimento destas diásporas aprendidas, vê-se que estão irmanadas em deslocamentos identitários semelhantes.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas lingüísticas*: o que falar e o que dizer. São Paulo: USP, 1996.

BÚRIGO, Fábio Luiz & SILVA, José Carlos da. A metodologia e a epistemologia de Durkheim e Max Weber. *Revista em Tese*, v. 01, n. 01, ago./set.2003.

DROOGERS, André. Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia (1880 – 2005). *Revista Religião & Sociedade*, v. 28, n. 01, Jul. 2008.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

FACHEL, José Plínio Guimarães. *As Violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: UFPEL, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

GONÇALVES, Dilza porto. *A Memória na construção de identidades étnicas: um estudo sobre as relações entre “alemães” e “negros” em Canguçu*. Dissertação (Mestrado em História) – Porto Alegre, PUCRS, 2008.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KENT, George. *O Bismark e seu tempo*. Brasília, Universidade de Brasília, 1982.

KLIEMANN, Luiza Helena Schmitz. *RS: Terra e Poder- História da Questão Agrária*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LANDO, A.M. ; BARROS, E. C. Capitalismo e colonização: os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Org.) *RS: Migração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

MULHALL, Michael George. *O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs: 1836-1900*. Porto Alegre, Bels, 1974.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

NETTO, Coelho. *Rei Negro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIETH, Ricardo W. Dois modelos de Igreja Luterana: IECLB e IELB. In: DREHER; Martin (Org.). *Populações Rio- Grandenses e Modelos de Igreja*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: EST/Sinodal, 1990. p.257-267.

SALAMONI, Giancarla. *Produção familiar: possibilidades e restrições para o desenvolvimento sustentável- o exemplo de Santa Silvana- Pelotas RS*. Tese (Doutorado em Geografia) Rio Claro – UNESP, 2000.

SALAMONI, Giancarla. (Coord.). *Valores Culturais da Família de Origem Pomerana no Rio Grande do Sul- Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas, UFPEL, 1996.

SILVEIRA, Raquel Moreira. *Imaginários das Mães-Mulheres que se corporificam na dança da professora negra*. Dissertação de Mestrado. Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Ufpel, 2006.

STEYER, Walter O. *Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio- Grandense 1900-1904*. Porto Alegre, Singulart, 1999.

THUM, Carmo. *Educação, História e Memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes*. Programa de Pós-Graduação em Educação, Unisinos, São Leopoldo, 2009. Tese de Doutorado.

TEICHMANN, Eliseu. *Imigração e Igreja: As comunidade- Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – São Leopoldo, IEPG, 1996.

TRESSMANN, Ismael. *Da Sala de Estar à Sala de Baile. Estudo Etnolinguístico de Comunidades Camponesas Pomeranas do Estado do Espírito Santo*. Tese (Doutorado em Letras). Museu Nacional e Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro. 2005.

WARTH, Carlos H. *Crônicas da Igreja: Fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1990- 1974*. Porto Alegre, Concórdia S. A., 1979.